

() Graduação (X) Pós-Graduação

O USO DA NEGAÇÃO NAS ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA DA REDE BOLSONARISTA É FRUTO DO MÉRITO OU DO ACASO? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

Rafael Sadocco,
rafael.sadocco@gmail.com

Helen Regina José da Silva,
helenregina04.hr@gmail.com

RESUMO

O principal objetivo deste ensaio teórico é visitar as comunicações do Presidente Jair Messias Bolsonaro e de sua rede de apoiadores para interpretar o êxito de suas estratégias comunicacionais durante a pandemia de Covid-19, pela perspectiva da Comunicação Política. Tomou-se também algumas teorias psicológicas desenvolvidas por Sigmund Freud, para avançar nesta discussão. Optou-se por fazer um Ensaio Teórico, que concluiu que embora as comunicações políticas tenham sido acertadas, parece que o grande sucesso do Presidente Jair Bolsonaro está no delírio coletivo que o segue, muito mais no que na articulação das narrativas elaboradas por sua equipe.

Palavras-chave: Comunicação Política; Bolsonaro; Freud; Covid-19.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 iniciada na China no final de 2019 acabou por se desdobrar em um estado de exceção social em todo mundo, que além de escancarar as inúmeras dificuldades no manejo de políticas protetivas, também impetrou o sentimento de indeterminação frente à ameaça de um vírus silencioso e fatal (URZÚA *et al.*, 2020). Nesta conjuntura, acadêmicos, pesquisadores, agentes públicos entre outros, partem de inúmeras premissas para compreender o comportamento da sociedade perante uma ameaça que já ceifou mais de 400 mil vidas apenas no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). Um dos motivos que poderiam gerar maior desconforto nessa compreensão seria a da constante recusa de pessoas a aceitarem e assumirem os riscos provocados por essa doença tão perniciososa (URZÚA *et al.*, 2020).

Essa tendência de rejeitar a seriedade da doença, presente nos mais variados grupos sociais, já foi constantemente debatida por múltiplos autores em diversos campos do conhecimento (ROY; SINHA, 2020; URZÚA *et al.*, 2020). Contudo, deve-se pontuar que o descarrilhamento da epidemia não é apenas fruto dos comportamentos individuais irresponsáveis e negacionistas, mas igualmente, oriunda de um somatório de atitudes deliberadamente equivocadas por parte de ocupantes de cargos políticos de prestígio. Esses, mesmo agindo na contramão da ciência e das orientações das mais credenciadas organizações médicas, eximiram-se de pensar estratégias adequadas cientificamente, buscando uma imunização rebanho impossível de ser atingida sem que se gerasse incontáveis perdas humanas (CALIL, 2021).

Todavia, muitos desses gestores públicos ainda gozam de suntuoso prestígio perante uma significativa parcela da sociedade. Um desses agentes políticos, o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, cometeu ininterruptos erros na condução da pandemia, ao agir de maneira grosseiramente populista, o que culminou tanto na sua repulsa internacional, como na formação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que já levantou ao menos 23 crimes propositais praticados por esse líder (CALIL, 2021; WILLIAMS; KESTENBAUM; MEIER, 2020; AGÊNCIA SENADO, 2021).

Não obstante, nota-se que ao longo de 2020 e início de 2021, os órgãos responsáveis pela comunicação do Presidente e seus apoiadores mais próximos, adotaram sistematicamente um compilado de narrativas que distorcem a realidade no combate ao vírus. Essas, por mais descabidas que fossem, foram em grande parte aceitas e reproduzidas por seus apoiadores (AMARAL, 2021). Em paralelo, os índices de aprovação desse governante permaneceram

relativamente altos, na casa dos 35%, sendo que 24% a consideram a gestão como “ótima” ou “boa” (GAZETA DO POVO, 2021).

1.2 Objetivos e justificativa

Perante esse visível contrassenso, este ensaio teórico perscruta entender se o movimento de recusa em culpabilizar agentes políticos, especificamente no caso do Presidente e seus apoiadores diretos (que reproduzem suas falas), está associado ao êxito das estratégias comunicacionais criadas diretamente por seus assessores, principalmente no formato digital que fomentariam narrativas plausíveis para uma parcela da população, ou se seriam fruto de devaneios psíquicos em pessoas que já estariam predispostas a aceitarem quaisquer que fossem essas historiolas, ou ainda, se seriam uma combinação dos dois.

Assim, a principal contribuição deste trabalho é verificar se há de fato mérito na estratégia comunicacional bolsonarista, norteadas por um pensamento de marketing estratégico bem elaborado e convincente, que refletiria o êxito de sua reprodução pela população, além da popularidade do presidente. A outra hipótese consideraria a possibilidade de se existir características psíquicas mais profundas na grande massa, que resultariam nessa simpatia pelo grupo político, independentemente de quais fossem as comunicações adotadas, o que de certa forma classificaria as estratégias comunicacionais como irrelevantes, uma vez que a devoção ao *mito* do presidente já se formou anteriormente a posse. Em outras palavras, quaisquer falas por ele emitidas seriam aceitas.

A resolução dessa querela é relevante para o debate acadêmico por dois motivos. A primeira, porque muitos autores e jornalistas reforçam que o bolsonarismo se sustenta exatamente por meio da sua estratégia comunicacional, muitas embasadas em *fake news* (CALIL, 2021; PAULINO; WAISBORD, 2021; CESARINO, 2019a; CESARINO, 2019b), colocando o receptor da mensagem como persuadido por elas *a posteriori* e não *a priori*. Evidentemente, há uma cisão gigantesca entre ambas as percepções, e suas consequências seriam importantes para diversos tipos de profissionais, como cientistas políticos, sociólogos, marketeiros políticos, psicólogos, acadêmicos, jornalistas, e tantas outras categorias.

O segundo motivo que justifica este trabalho se dá em razão das contribuições que ele pode trazer para o debate acadêmico em volta do conceito de comunicação política por redes sociais, pensada pela perspectiva estratégica. A comunicação política é um dos pilares das administrações públicas, e a utilização das mesmas por meio das redes sociais se tornou

fundamental para a manutenção da democracia digital (ROTHBERG; VALENÇA, 2014).

Para iniciar essa incursão, apresentar-se-á nas próximas linhas o referencial teórico, que abrangerá os pontos centrais da comunicação política e das teorias da psicologia aqui discutidas. Na sequência, propor-se-á uma discussão com as situações publicamente conhecidas que ocorreram e ocorrem durante a pandemia, correlacionando-os. Nota-se que por se tratar de um ensaio teórico, o caminho metodológico não é necessariamente traçado e percorrido, como nas demais propostas (MENEGETTI, 2011).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste referencial, inicia-se pela perspectiva da comunicação política, para demais avançar pelos princípios da psicologia. Nota-se que aqui, utilizar-se-á o termo “Comunicação Política” para abranger os conceitos de Comunicação Pública, Governamental e Política. Isso se dá, porque diversas vezes as comunicações feitas pelos políticos se dão tanto em suas páginas pessoais como nas páginas oficiais de seu mandato, mesclando assim os conceitos.

2.1 Comunicação Política

Matos (2006) considera que a Comunicação Política supera a comunicação governamental, eleitoral ou voltada para o marketing político. A autora classifica que a Comunicação Política tem seu ponto de intersecção com a Comunicação Pública no momento em que os agentes políticos e interesses sociais se conectam, abrangendo cidadãos, políticos e eleitores, recebendo e emitindo comunicações massivas. Ela pontua ainda que o poder seria a rena de convergência entre Comunicação Política e Pública, ainda que os interesses possam ser completamente díspares.

Para Nascimento e Soares (2020), a Comunicação Pública passou a ganhar força na mesma medida que o acesso das pessoas à internet ascendeu, fazendo com que organizações governamentais e políticos de toda sorte busquem se estabelecer nos meios digitais para compartilhar informações, ainda que isso muitas vezes não corresponda ao devido processo de uma Comunicação Pública Governamental tradicional, dado que buscam gerar mídias e atenções às gestões, mais que realmente informar a população de maneira adequada sobre assuntos que possam ser de fato de seu real interesse.

Já Massarani, Leal e Waltz (2020) discorrem que embora o acesso à informação por

meio de redes sociais traga ganhos à população de forma geral, nele, abre-se espaço para a promoção de notícias falaciosas, que seriam aquelas consideradas por terem sido criadas de maneira propositalmente enganosa. Segundo os autores, a repetição contínua de textos e imagens desconectados da realidade faria com que pessoas pudessem se familiarizar com a informação falsa, tomando-a como verdadeira. Esse assunto se tornou um dos principais problemas contemporâneos, fazendo com que a UNICEF a considerasse uma “infecção real de desinformação”, minimizando a gravidade de doenças (MASSARANI; LEAL; WALTZ, 2020).

A combinação na utilização de diversos tipos de plataformas midiáticas digitais vem sendo usado por inúmeros governos, que investem pesado em muitas ou até mesmo em todas elas (YouTube, Facebook, Twitter, Instagram, etc.), unificando as pautas e informações. Em tempos curtos, as assessorias de imprensa de governos e políticos publicam dezenas de links para divulgar fatos pertinentes à administração.

2.2 Conceitos freudianos

Na obra *O mal estar da civilização* lançado em 1930, seu autor, Sigmund Freud (1996), aborda as relações entre cultura e sociedade, apontando que a civilização sempre vai produzir, em maior ou menor grau, um mal-estar no ser sujeito. Esse mal-estar poderia estar associado a três níveis, que por sua vez, estariam envolvidos nas três limitações intrínsecas ao homem, sintetizando aquelas que seriam as fontes desse mal-estar. A saber: (i) o externo, que estaria associada às ameaças provenientes da natureza; (ii) o corpo em seu limite de solução, que abrange a compreensão da precibilidade corpórea, atrelada portanto as condições naturais e biológica; e, (iii) a diferença entre os sujeitos, marcada pelo estranhamento aos demais, presente nas relações interpessoais.

Esses três níveis poderiam se voltar contra os próprios indivíduos como forças de destruição esmagadoras e impiedosas (FREUD, 1996). Nota-se que essas limitações intrínsecas se apresentam de uma maneira permanente, havendo assim um *continuum* na presença durante as etapas da vida. Observa-se que elas não são auto excludentes, podendo as três se manifestarem ao mesmo tempo (FREUD, 1996).

Percebe-se que quase um século depois da publicação desse clássico livro, um vírus surgido do outro lado do globo, infecta e abala justamente essas três instâncias, identificando-se sinais claros dos três níveis supracitados: a enorme dificuldade coletiva em lidar com uma ameaça invisível advinda da natureza; a dificuldade incomensurável em aceitar a natural

falibilidade corpórea, especialmente quando se admite que a sucumbência do corpo seria para uma doença nova de origem “culturalmente” díspar; e a escassa cooperação voluntária entre os indivíduos em se sensibilizarem para protegerem os demais da sua sociedade. Permitir-se-ia entender que as três limitações se encavalam neste contexto.

Um dos pontos que chamam a atenção neste debate é o de que a ideia vivenciar um período biologicamente pandêmico, por si só, já tenderia a compelir nos sujeitos um mecanismo de defesa natural, uma atitude preventiva que traria no próprio indivíduo o interesse de se preservar, afastando-se do principal agente da pandemia (no caso, o vírus). Contudo no Brasil, principalmente entre apoiadores bolsonaristas (RESENDE, 2021), a gravidade da doença é continuamente minimizada, e os fluxos de autopreservação se dão exatamente no sentido oposto.

A psicanálise também aponta para mecanismos de defesa do psiquismo baseados na negação e distorção de uma realidade indesejável e dolorosa, a qual o sujeito não está preparado para suportar (FREUD, 2014). O conceito de negação, já havia sido esquadrinhado anteriormente, mas é melhor estruturado no livro homônimo de Freud [1925], que de acordo com Carone (2014, *apud* RIPOLL, 2014), comporia uma das etapas da finalização do edifício freudiano. Sublinha-se que embora tenha sido publicado já em um período mais maduro, e como dito, supostamente conclusivo, a obra na verdade seria responsável por indicar mais zonas obscuras da mente humana, inclusive catapultando leituras melhor exploradas por Lacan (RIPOLL, 2014).

Em linha, o tema é tão sombrio e ardiloso que Freud comenta no livro a dificuldade vivenciada em apreender essa negação, a ponto de sentir uma certa vergonha ao não ser capaz de avançar nas conclusões. Entender a negação exigiria entender a função do juízo, que em suma seria responsável por recusar ou aceitar uma qualidade qualquer e admitir ou contestar determinada manifestação do real, discernindo se tal representação tem vínculo com a realidade. Ao optar por abnegar um fato verídico, o sujeito afirma para si que a relação de sentido legítima é mais interessante quando suprimida, uma vez que, passivamente, o homem não teria condições de constituir o símbolo da negação, abstendo-se das consequências oriundas dessa negação. Em outras palavras, o juízo não delibera de acordo com a realidade pujante, dando maior valor as exigências hedônicas, e ignorando os desdobramentos dessa abnegação (FREUD, 2014; RIPELL, 2014).

3. DISCUSSÃO

Na conjuntura analisada, poder-se-ia indicar que os bolsonaristas desenvolveram algo em sua psique que os impediria de olhar e aceitar a realidade tal qual ela se apresenta, dando maior predileção para uma representação hedônica e fantasiosa. Assim, o juízo opta por contestar uma manifestação do real, permitindo que o sujeito bolsonarista não tenha que entrar em um conflito doloroso para si mesmo, que seria a aceitação da incompetência do líder. Isso fica mais fácil de ser explicado ao se entender que a realidade, por mais que seja apresentada, não é digerível, ou seja, não é apreendida. O juízo de um bolsonarista transfere todas as informações que lhe são desgostosas para o campo da negação, partindo dessa perspectiva, nenhuma argumentação lógica contra o presidente lhe seria compreensível.

Esse postulado de Freud (2014) tem um impacto significativo na história da ciência, ao findar com o pensamento cartesiano de racionalidade extremada, reduzindo a capacidade lógica inquebrantável da ciência, maculando permanentemente os raciocínios supostamente totalitários e generalistas (RIPPOL, 2014). Para Safatle (2014), um elemento crucial para esta discussão se apresenta exatamente na indissociabilidade entre o sujeito psicológico e o sujeito do conhecimento.

Dessa forma, conhecimento e interesses pessoais se sobreporiam, dando para as funções do julgamento caráter afetivo. Esse ponto é crítico para esta discussão, posto que uma das linhas narrativas cursadas pelos bolsonaristas é exatamente a apropriação de discursos de médicos e demais agentes sanitários que propunham caminhos antagônicos ao restante da academia, tais como: Osmar Terra, Anthony Wong, Priscilla Veríssimo, Anthony Ferrari, (os três últimos falecidos por Covid, e o primeiro ficou internado em estado grave por mais de duas semanas) etc. (PINHEIRO, 2020; CONGRESSO EM FOCO, 2020). Dessa forma, esses profissionais da ciência, movidos por seus próprios ideais e convicções, permitiriam que os seus sujeitos psicológicos se sobrepussem aos sujeitos do conhecimento, ou seja, escamoteariam o seu ideário científico, prestigiando e veiculando inverdades.

Safatle (2014) pontuaria que nesse contexto, os agentes sanitaristas, dotados de formação técnica e científica para reconhecerem os riscos da doença, as recalcam, negando a realidade comum objetivada. O sujeito pensante sempre que se depara com um objeto, observaria que há nele algo inadequado, portanto, algo que o poderia escapar. Esse sujeito, enquanto cientista ao se deparar com a doença enquanto objeto na realidade, observa que há algo inadequada nela, que a deixa escapar propositalmente. Por sua vez, Lacan (*apud* RIPELL, 2014) discordaria dessa visão deliberada de recusa, apontando que o inconsciente não

reconheceria essa contradição.

Destarte, a negação poderia advir tanto do eleitor bolsonarista na condição de receptor das informações, como também dos especialistas que propagariam informações alinhadas com a percepção do Planalto, negando a ciência e a metodologia científica, não reconhecendo os enormes riscos que isso poderia trazer aos seus pacientes, às suas carreiras e igualmente, às suas vidas. O próprio Ministro Osmar Terra, médico formado pela UFRGS, chegou a simplificar o tratamento do vírus da Covid-19 como o do H1N1 e até mesmo do vírus da Aids (IMAGEM 1), propondo medidas profiláticas semelhantes. Por conseguinte, como já supracitado, ficou mais de duas semanas internado na UTI no final de 2020 (CONGRESSO EM FOCO, 2020).

Figura 1 – Posicionamento de Osmar Terra no Twitter



Fonte: Twitter Osmar Terra, 2020.

Observando o que foi mencionado, percebe-se que diante de um fato tão duro quanto o colapso climático ou uma pandemia, entrar em negação pode ser considerada uma reação

comum. Na atual conjuntura, os movimentos de recusa não somente aumentam o risco de infecção pelo vírus, mas também “contaminam” a sociedade psiquicamente, em decorrência de uma rede de identificações.

Esse fenômeno social é nocivo não apenas porque implica a produção e difusão em massa de teses controversas em relação a consensos científicos validados, mas também porque gera movimentos de recusa que provocam impactos diretos no comportamento de milhões de pessoas. Isso ocorre, sobretudo, quando tais conhecimentos inspiram políticas públicas destinadas a transformar comportamentos e modos de vida coletivos, os quais afetam interesses econômicos poderosos. Entretanto, a realidade a ser negada, no caso dos apoiadores bolsonaristas, não se limitaria a rejeitar a legitimidade e seriedade da doença, mas também, o fracasso gerencial e político de Jair Bolsonaro (AMARAL, 2021), tornando-se assim uma rejeição dupla e concomitante, onde a necessidade de apoiar a condução da política da crise, implica necessariamente em se negar a doença e suas consequências sociais.

Por conseguinte, o conceito freudiano poderia ser aplicado pelo fato de o negacionismo do líder resultar no negacionismo dos liderados, todavia, isso resultaria em uma outra dúvida: por que tal líder ascendeu ao poder? Freud também poderia responder essa pergunta, por meio de sua publicação de 1921, no trabalho intitulado *Psicologia de grupo e análise do ego*. Nele, Freud (1990) apontou que a seleção de um líder da massa, no caso o presidente da república, ocorreria sob certas condições, entre as quais, o reconhecimento de uma similaridade entre os membros dessa massa e esse líder. Portanto, a escolha do representante consistiria, grosso modo, no mesmo desejo inconsciente ou no mesmo ódio à certas entidades, indivíduos ou grupos sociais (FREUD, 1990).

Na conjuntura brasileira-bolsonarista, esses ódios poderiam ser sintetizados na repulsa contra instituições, como o PT e o STF (pré e pós eleição respectivamente), contra pessoas, Lula, Alexandre de Moraes e Átila Lamarino (o primeiro pré e os outros pós prisão de Daniel Silveira e pós pandemia respectivamente), ou até mesmo, de maneira mais geral, como contra os governadores, prefeitos e todo o sistema (ainda que não exista clareza no que comporia o sistema) (FIGURAS 2, 3e 4). Nesse aspecto, as narrativas de ódio serviriam para atender parte da população, desejante de nutrir sua repulsa pelos grupos odiados (AVRITZER, 2020).

Figura 2 – Ataque aos governos estaduais



Gil Diniz ✓ @carteireoreaca · Jan 23

Há cada 4 mortos por COVID-19 no Brasil, 1 é cidadão paulista. A imprensa vendida silencia, as medidas tomadas por João Doria já se mostraram ineficazes e letais. Em meio a pandemia, cortou 2 bi do orçamento da saúde. A única coisa que o Governador gerencia, é o número de mortos!

234

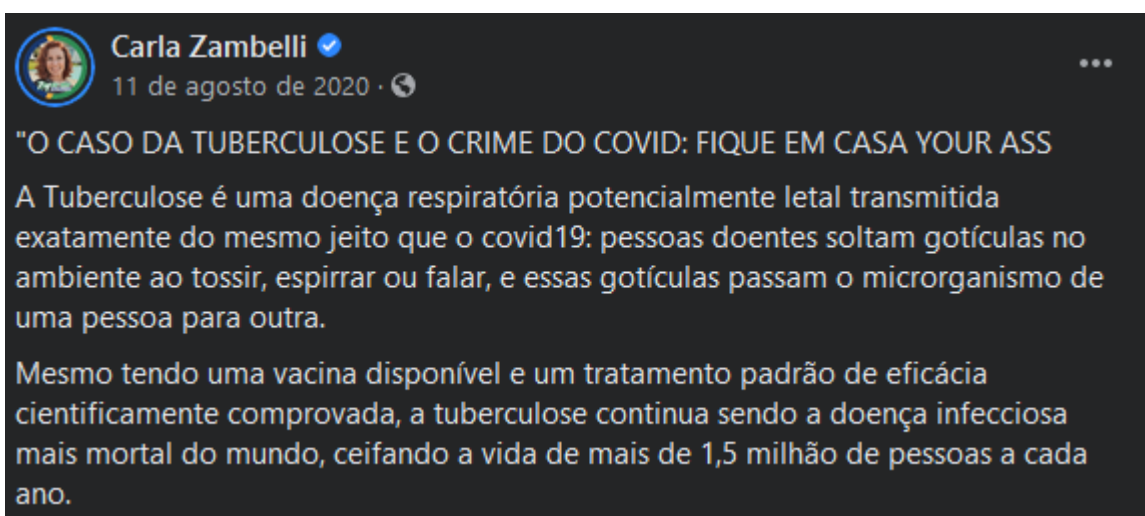
2.3K

8.1K



Fonte: Twitter Gilz Diniz, 2021.

Figura 3 – Minimização da Covid-19



Fonte: Facebook Carla Zambelli, 2020.

Nota-se aqui uma característica bastante inquietante. A natureza original da assimetria entre o eleitorado bolsonarista era em grande parte pela ojeriza ao Lula enquanto indivíduo; ao PT enquanto grupo; e ao Comunismo enquanto ideologia. Quando se inicia a pandemia, e o discurso não-científico de Bolsonaro fincou raízes (RESENDE, 2021), distanciando-se de todas as demais visões do mundo, inclusive de grupos de direita que o apoiaram antes da eleição e até o início da pandemia. A solução bolsonarista foi aproximar retoricamente todos aqueles que tinham uma percepção diferente de Bolsonaro na condução da pandemia desses grupos comunistas e odiados, a fim de se manter a consistência entre Bolsonaro e seu discurso. Assim, partidos e movimentos liberais como o MBL, Vem Pra Rua, Novo, PSDB e PSL foram trazidos para perto do PT (FIGURA 4). Instituições como Grupo Globo de Comunicações e Superior Tribunal Federal trazidos para perto do Comunismo. E por fim, políticos como Alexandre Frota, Joyce Hasselman, João Amêdo, Kim Kataguirí, para perto do Lula. A própria pandemia nasceu

do comunismo.

Figura 4 – Ataques aos antigos aliados



Fonte: Facebook de Jair Bolsonaro (2020).

A forma adotada não se limita unicamente nas publicações e comunicações do Presidente, mas também de jornalistas, youtubers, blogueiros, políticos e alguns artistas, que seguindo a pauta bolsonarista, atacariam às ações tomadas por prefeitos e governadores, veículos de comunicação, políticos, aplicando a eles denominações jocosas associadas às ditaduras comunistas. Termos como “ditadória” (Clau de Luca), “comunismo. Covidnismo” (Bia Kicis), “o povo de Araraquara sofre nas “garras” de Edinho Silva e seu comunismo aplicado na prática” (Gil Diniz), “amostra grátis de comunismo” (Roberto Jefferson) (BARBOSA; ELY; BARBOSA, 2021).

Ao analisarem as 200 postagens feitas por Bolsonaro que vinculavam pandemia ao comunismo, Barbosa, Ely e Barbosa (2021) levantaram que elas tiveram mais de 763 mil

interações. Segue-se a ela narrativa levantada de que Bolsonaro é um líder perseguido pelos demais, lutando sozinho contra um sistema que rejeita um tratamento precoce que salva vidas. Assim, sua paranoia, sua mania de perseguição ganham força nas postagens de seus apoiadores, estimulando instintos de defesa para com ele. A justificativa para tal se encontraria no livro *Psicologia das Massas e Análise do Eu, em que se percebe que as massas são movidas por ilusões, onde a ética se apoiaria no amor* (CASTILHO, 2019), ou seja, amar e proteger o presidente em um momento no qual ele está sendo atacado seria o comportamento ético esperado, e não o questionar.

Um exemplo empírico e disso é uma postagem recente do Deputado Carlos Jordy intitulada “**TODOS CONTRA BOLSONARO**”, associando diversos nomes da política, como Eduardo Leite, João Dória, Ciro Gomes, Márcio França, Luis Mandetta, Khalil, João Amoêdo e Luciano Huck, como uma frente anti-bolsonaro, ligada a Central Única dos Sindicatos, fomentando a ideia de que todos estão associados ao inimigo a ser combatido, que seria o Comunismo, representado na figura de Ciro Gomes e da Central Sindical. Isso também evidencia a cobrança feita aos apoiadores para que saíam em defesa do presidente, atrelando essa atitude a uma atitude patriota.

3. Considerações finais

O principal objetivo deste trabalho era identificar se existiam motivos para se acreditar que a ainda alta aceitação de Jair Bolsonaro está associada ao sucesso no desempenho das estratégias de Comunicação Política executadas por ele e pelos demais políticos eleitos próximos a ele, ou se é fruto de uma espécie de patologia psicológica coletiva. Para responder esses desígnios alguns conceitos do campo da psicologia foram brevemente apresentados e sintetizados nos termos que se seguem: negação; a negação do líder e seus reflexos nos liderados; o mal-estar dividido em falibilidade corpórea, ameaças da natureza e estranhamento ao outro; a perseguição; comportamento das massas e o ódio coletivo como fator agregador.

Todos esses conceitos foram encontrados na atual conjuntura pandêmica, demonstrados por situações em que era possível encontrar claramente essas manifestações. Já na interpretação que foi feita, encontrou-se nas ações de comunicação promovidas pela rede de bolsonaristas, atributos que parecem fortalecer esses padrões psíquicos mencionados. Por exemplo, no que tange a predileção ao líder por conta de um ódio destinado à uma organização inimiga, mostra-

se que houve uma série de tentativas de associar o período pandêmico e o vírus à uma ameaça comunista.

Em outras palavras, os apoiadores seriam alienados pelos seus líderes – que na perspectiva freudiana – norteados imaginariamente pelo delírio de que a Pandemia seria uma invenção proposital comunista, que mancomunada com governadores, visava prejudicar o governo do presidente. Com isso, ainda seria possível apregoar a imagem de perseguido ao líder Bolsonaro, a fim de estimular em seus apoiadores a obrigação moral e patriótica de defendê-lo, e jamais questioná-lo. Nesse aspecto, associou-se características comunistas nos outros grupos políticos - obviamente nada comunistas -, expandindo e englobando apoiadores de outras ideologias às filosofias marxistas. Nesse bojo, englobou-se todos aqueles que pensam contrariamente ao presidente.

No que se refere a negação da doença, viu-se que há motivos para se acreditar que a sociedade de forma geral poderia estar relutante em aceitar a ameaça da natureza pela própria tipologia do mecanismo de negação, e da materialidade falível do corpo. Soma-se as afirmações passadas pelo presidente, asseverando que existe tratamento para a doença, reforçando esse aspecto da negação na sociedade, criando uma anteposição entre o presidente que não quer aceitar a morte, e que em paralelo mostra aos seus seguidores que ela não é necessária, “bastaria não querer” (RESENDE, 2021). A repulsa ao outro, no caso os chineses, também operaria nesse sentido.

Assim, seria razoável aceitar que o discurso comunicacional da equipe bolsonarista foi acertado, e que seu marketing soube se aproveitar de características da psique da massa para reforçar o apreço social ao presidente. Há, contudo, um ponto de ressalva que deve ser feito: a estruturação das premissas que sustentam os discursos bolsonaristas são absolutamente débeis e desconexos com a realidade. Não reproduzem em absolutamente nenhuma instância a realidade objetiva. Todas as historietas disparadas pelo time do presidente e de seus apoiadores se debruçam cada vez mais em fantasias descaradas, irrealistas, fantasiosas e rapidamente desmentidas por grupos técnicos qualificados. Em outras palavras, ainda que a comunicação tivesse encontrado aceitação popular, ela só tem essa aceitação por parte daqueles que já estavam dispostos a acreditar no presidente. Não há sinais mínimos de convertibilidade de uma narrativa fictícia em um relato lógico. A psicologia é muito feliz em antecipar isso, principalmente no que foi encontrado no livro *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (FREUD, 1990).

Neste aspecto, demonstra-se que há a ideia de que existe uma ilusão coletiva, criada em

torno do presidente, e este ponto é crítico para este estudo: esta ilusão não foi necessariamente desenvolvida por ele nem por sua equipe de comunicação, mas fruto de uma combinação de fatores situacionais pré-eleição, no qual ele oportunamente se encontrava. Elementos como: a crise institucional que abalou tanto o PT como o Congresso, causada pela Lava Jato; a descrença coletiva no STF, a partir das transmissões dos julgamentos ao vivo e maior possibilidade da população de identificar e prever os votos dos juízes; a expansão no consumo de tecnologia portátil (smartphones acompanhados de aplicativos como WhatsApp e Facebook que não consumiam os planos); analfabetismo político; analfabetismo digital; nostalgia fantasiada do período militar; as forças armadas como as únicas instituições confiáveis; ampliação exponencial do número de igrejas evangélicas, etc., foram somados a elementos pós-eleição, como incontáveis erros na condução da pandemia por políticos favoráveis aos métodos restritivos no combate a pandemia; corrupção; etc.. Tudo isso resultou em uma idolatria desmedida pelo presidente. Essa idolatria acaba por ser alimentada por roteiros fantasiosos, frutos da equipe de comunicação do presidente, mas que não goza de capacidade de convencimento ou sustentação sistemática. Os seguidores de Jair Bolsonaro se manteriam fiéis com qualquer discurso apresentado por ele, desde que houvesse discursos.

Portanto, como se viu, a Comunicação Política está devidamente associada à Comunicação Pública e Governamental, onde as redes sociais se misturam a fim de divulgar ações e posições políticas, muitas vezes distintas do real interesse social. Desta forma, acredita-se que uma série de pesquisas nesse sentido poderiam se desdobrar a partir daqui, como por exemplo, almejando investigar por métodos quantitativos a satisfação de grupos bolsonaristas em relação aos tipos de mensagem veiculados.

Encerra-se postulando que as distorções perineais nas falas presidenciais, reproduzidas a exaustão por seus correligionários, demonstram que é mais provável que ocorra um estado psicológico de negacionismo aos erros do executivo federal, movidos por ódio aos outros grupos e pelo medo incalculável de perder a última esperança (encarnada no próprio Presidente), tornando as estratégias comunicacionais menos relevantes, permitindo que fossem até formuladas a partir de qualquer conteúdo insonso, que o efeito seria o mesmo. Acredita-se que o êxito político do bolsonarismo não está associado com ele em si, nem às suas estratégias de se manter no poder, mas sim, em um delírio coletivo, regado de medos e inseguranças (da morte, do estrangeiro, de assumir o erro pela torcida fanática, de perda da esperança) do que a capacidade comunicacional.

Este trabalho teve como principal limitação o espaço reduzido para interpretar os

conteúdos publicados pela rede, bem como, a pequena equipe de pesquisa que a investigou. Ainda assim, espera ter contribuído para a literatura.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. CPI pode convocar ministros, prefeitos e governadores na próxima semana, 30/04/2021. Disponível em < <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/30/cpi-pode-convocar-ministros-prefeitos-e-governadores-na-proxima-semana> >. Acesso em 30 abr. 2021.

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Jair Bolsonaro e a pandemia: notas sobre práticas idiotas. **Almanaque de Ciência Política**, v. 5, n. 1, p. 01-12, 2021.

AVRITZER, Leonardo. **Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro**. Todavia, 2020.

BARBOSA, B. ELY, D. BARBOSA, J. Bolsonaristas usam 'ameaça comunista' para minar isolamento social e atacar governadores. **Aosfatos.org**. 15 abr. 2021. Disponível em: < <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaristas-usam-ameaca-comunista-para-minar-isolamento-social-e-atacar-governadores/> >. Acesso em 30 abr. 2021.

BOLSONARO, Jair. Facebook. Disponível em: < <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/1915313918617585> >. Acesso em: 20 ago. 2021.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 140, p. 30-47, 2021.

CASTILHO, Pedro Teixeira. O SINTOMA SOCIAL NA PSICANÁLISE: DA DEMOCRACIA À ANOMIA. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 144-153, May 2019.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019.

CESARINO, Letícia. On digital populism in Brazil. **Political and Legal Anthropology Review – Ethnographic Explainers**, 15 abr. 2019.

CONGRESSO EM FOCO. Osmar Terra é o parlamentar que mais publica fake news sobre covid-19, aponta levantamento. **UOL**. 15 abr. 2020. Disponível em: < <https://congressoemfoco.uol.com.br/saude/osmar-terra-e-o-parlamentar-que-mais-publica-fake-news-sobre-covid-19-aponta-levantamento/> >. Acesso em 30 abr. 2021.

DINIZ, Gil. Twitter. Disponível em: < https://twitter.com/carteiorea?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor >. Acesso em: 20 ago. 2021.

FREUD, Sigmund (1921). Psicologia de grupo e análise do ego, in: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund (1930[1929]). O mal-estar na civilização, in: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1930[1929]).

FREUD, Sigmund. A negação. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2014.

GAZETA DO POVO. 35% aprovam governo do presidente Jair Bolsonaro, diz pesquisa.

Gazeta do Povo, 30 abr. 2021. Disponível em: <

<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/bolsonaro-gestao-e-aprovada-por-35-dos-entrevistados-diz-pesquisa/> >. Acesso em 30 abr. 2021.

MASSARANI, Luisa; LEAL, Tatiane; WALTZ, Igor. O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos links com maior engajamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de administração contemporânea**, v. 15, p. 320-332, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Painei Coronavírus. Disponível em < <https://covid.saude.gov.br/> >. Acesso em 29 abr. 2021.

NASCIMENTO, Thamires N.; SOARES, Rita. A Comunicação Pública nas Redes Sociais Digitais: Uma Análise do Facebook do Governo do Pará. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 81297-81310, 2020.

PAULINO, Fernando Oliveira; WAISBORD, Silvio. Las narrativas del populismo reaccionario: Bolsonaro en Twitter durante la pandemia. **Mediapolis-Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, n. 12, p. 33-48, 2021.

PINHEIRO, V. Médico distorce dados sobre efeitos colaterais para desacreditar estudos da Coronavac. **O Estado de São Paulo**. 17 nov. 2020. Disponível em < <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/medico-distorce-dados-sobre-efeitos-colaterais-para-desacreditar-estudos-da-coronavac/> >. Acesso em 30 abr. 2021.

RESENDE, B. The fascist performances of Bolsonarismo. **Confluenze-Rivista Di Studi Iberoamericani**, p. 254-269, 2021.

RIPOLL, Leila. A negação freudiana: fissuras na razão cartesiana e na neutralidade científica. **Rev. Epos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, dez. 2014

ROTHBERG, Danilo; DA SILVA VALENÇA, Amanda. Comunicação Pública para cidadania no avanço das redes sociais oficiais. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 13, n. 26, 2014.

ROY, Deblina; SINHA, Kritika. Cognitive biases operating behind the rejection of government safety advisories during COVID19 Pandemic. **Asian journal of psychiatry**, v. 51, p. 102048, 2020

SAFATLE, V. Posfácio – Aquele que diz "não": sobre um modo peculiar de falar de si. In: *A negação*. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

URZÚA, Alfonso *et al.* La Psicología en la prevención y manejo del COVID-19. Aportes desde la evidencia inicial. **Terapia psicológica**, v. 38, n. 1, p. 103-118, 2020.

WILLIAMS, Caitlin R.; KESTENBAUM, Jocelyn Getgen; MEIER, Benjamin Mason. Populist Nationalism Threatens Health and Human Rights in the COVID-19 **Response**, 2020.

ZAMBELLI, Carla. Facebook. Disponível em: < https://twitter.com/carteiroreaca?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor >. Acesso em: 20 ago. 2021.